

**UNIVERSIDADE SANTO AMARO
RESIDÊNCIA MULTIPROFISSIONAL**

SUÉLLEN ROSA DOS SANTOS

**CÍRCULOS DE CULTURA E EDUCAÇÃO POPULAR: VIVÊNCIA EM
UM HOSPITAL ESCOLA NA ZONA SUL DE SÃO PAULO**

**SÃO PAULO
2018**

SUÉLLEN ROSA DOS SANTOS

**CÍRCULOS DE CULTURA E EDUCAÇÃO POPULAR:
VIVÊNCIA EM UM HOSPITAL ESCOLA NA ZONA SUL DE
SÃO PAULO.**

Monografia apresentado ao Programa de Residência Multiprofissional da Universidade De Santo Amaro como requisito parcial para obtenção do título de especialização em Emergências Clínicas e Trauma. Orientador(a): Prof. Dra. Marlene Almeida de Ataíde

**SÃO PAULO
2018**

Agradecimentos

Estar na Residência Multiprofissional foi um sonho, tomou forma se realizou. Foram dias de luta, cansativos, mas nunca de desistência, pois afinal foi um sonho e não desisto de nenhum dos meus!!! 60 horas semanais, muitas vezes mais de 12 horas diárias, algumas decepções e muitos aprendizados e é isso que levo a sensação de que uma etapa se conclui e muitas outras virão.

Os meus agradecimentos a minha família por sempre estarem na retaguarda , a gente se viu pouco nestes últimos dois anos mas sem o apoio de cada um deles em coisas mínimas não teria a possibilidade de enfrentar essas “60” horas -vocês foram essenciais.

Mãe Rosilda F. Rosa e irmãs Michele C. Rosa, Estefânia C. Rosa, Bianca S. Rosa. Vocês são demais, eu sou grata a tudo que há neste Universo por ter vocês em minha vida.

Agradeço ao meu pai e digo novamente em um agradecimento – você com toda certeza estaria muito orgulhoso da mulher que sua filha se tornou, lhe amo;

Agradeço meus sobrinhos: Daniel T. Rosa Ramos, Lorenzo Rosa vocês são meu tudo meninos, são parte da minha alegria, eu amo vocês infinitamente, obrigada por sempre me ensinarem tanto, por todas as brincadeiras, por tudo por fazerem parte dos meus dias e por poder tê-los como sobrinhos;

Agradeço aos residentes do serviço social e a minha querida Cris residente de psicologia sem eles, sem a companhia sem a força, as risadas e choros, passar por isso seria impossível, pois todas as coisas se dão na relação por mais que muitas vezes tenham sido conflituosas o que fica são os bons momentos, as fotos , a cumplicidade obrigada Bruna Fernanda, Ana Paula Caló, Kalyne, Renata Mota, Mônica Monte, Jutália, Sandra, Leandro, juntos foi menos difícil!!!

Agradeço ao senhor William paciente que esteve internado na clínica médica onde pudemos trocar muitos saberes, muitas histórias e foi em uma de nossas conversas que este trabalho tomou forma pois até o meu atendimento com ele isso não parecia palpável e realizável, senhor William Cypriano muito obrigada .

Agradeço as nossas as Assistentes Sociais Cris (Ayesa) ,Dayse, Sônia e Edna por terem tornado nossos dias menos difíceis, pelas boas trocas, por todos os bons momentos nestes dois anos, obrigada meninas!!!

Agradeço aos meus amigos Edmilson, Michele, Patrícia, Alynne, Queila, por aguentarem todos os surtos destes dois anos e de todos os outros. Amo vocês

*“Vamos caminando Aquí se respira lucha
Vamos caminando Yo canto porque se escucha
Vamos dibujando el camino Vozes de um só coração
Vamos caminando Aquí estamos de pie
¡Que viva la América! No puedes comprar mi vida”*

Calle 13

LISTA DE SIGLAS E ABREVIações

CEAS- Centros de Estudos e Ação Social

EUA- Estados Unidos da América

PNEPS- Política Nacional de Educação Popular em Saúde

SUAS- Sistema Único de Assistência Social

SUS-Sistema Único de Saúde

RESUMO

Trata-se do Trabalho de Conclusão de Residência Multiprofissional. (Especialista em Emergências Clínicas e Trauma) pelo viés de uma pesquisa qualitativa através da metodologia da história oral, cujo objetivo foi realizar Círculos de Cultura através de educação popular pensada por Paulo Freire com os acompanhantes e pacientes internados nas clínicas médica e cirúrgica de um hospital-escola situado na zona sul de São Paulo no ano de 2017, para analisar se estes círculos de cultura realizados por Assistente Social visto neste trabalho como intelectual orgânico poderiam auxiliar que seus participantes pudessem pensar o seu cotidiano mais criticamente. Para tanto as reflexões teóricas se encontram amparadas pelos autores que se dedicam aos estudos dos aspectos que dizem respeito ao tema tais como: Gramsci, Simionato, Amamm, Faleiros, Freire, Wandereley.

Palavras Chave: Educação Popular, Círculos de Cultura, Intelectual Orgânico e Consciência Criticamente.

Abstract

This is the Work of Conclusion of Multiprofessional Residence. (Specialist in Clinical Emergencies and Trauma) for the bias of a qualitative research through the methodology of oral history, whose objective was to conduct Circles of Culture through popular education thought by Paulo Freire with the companions and patients hospitalized in the medical and surgical clinics of a hospital in the city of São Paulo in the year 2017, to analyze if these circles of culture realized by Social Worker seen in this work as organic intellectual could help that its participants could think their daily life more critically. In order to do so, the theoretical reflections are supported by the authors who are dedicated to the studies of aspects related to the subject such as: Gramsci, Simionato, Amamm, Faleiros, Freire, Wandereley.

Keywords: Popular Education, Culture Circles, Organic Intellectual and Critically Consciousness.

UNIVERSIDADE SANTO AMARO – UNISA/SP

SUÉLLEN ROSA DOS SANTOS

**CÍRCULOS DE CULTURA E EDUCAÇÃO POPULAR: VIVÊNCIA EM UM
HOSPITAL ESCOLA NA ZONA SUL DE SÃO PAULO.**

Este Trabalho de Conclusão em Residência Multiprofissional foi analisado pela professora orientadora e aprovado para a obtenção do grau de Especialista em Emergências Clínicas e Traumas, da Universidade de Santo Amaro – UNISA/SP.

São Paulo, _____

Professora Doutora Marlene Almeida de Ataíde
Orientadora do Trabalho

Professor
Avaliador do Trabalho

Preceptora:
Avaliadora do Trabalho

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 9

CAPÍTULO I

1. EDUCAÇÃO POPULAR E CÍRCULOS DE CULTURA, 12

1.1 Educação popular na saúde ,15

CAPÍTULO II

2. A HISTORICIDADE DA PROFISSÃO, 22

2.1 Intelectuais orgânicos e tradicionais ,31

2.2 Os círculos de cultura uma vivência possível 34

CAPÍTULO III

3. Análise das narrativas dos sujeitos entrevistados ,38

CONSIDERAÇÕES FINAIS, 43

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, 44

APÊNDICE

Roteiro de Entrevistas

ANEXO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Residência discorre sobre Educação Popular, Círculos de Cultura e o papel do Assistente Social enquanto Intelectual Orgânico em um hospital-escola situado na zona sul da cidade de São Paulo.

Durante quase dois anos atuando como Residente Multiprofissional passei por diversas clínicas, a fim de conhecer como cada uma delas funciona, até minha passagem pelas clínicas médica e cirúrgica não conseguia perceber a possibilidade do trabalho do assistente social para além do atendimento imediato ao usuário. Atuar nestas duas clínicas possibilitou enxergar a possibilidade do trabalho socioeducativo mesmo estando um hospital secundário, e, vislumbrar que é possível o trabalho de promoção e prevenção também na urgência e emergência.

Em diversos atendimentos realizados durante meu período de permanência nestas clínicas, consegui realizar intervenções para além do fenômeno apresentado, conseguindo chegar a demandas que estavam implícitas, mas isso somente foi possível por que o paciente já havia passado por outros setores do hospital.

Durante as intervenções individuais, apareciam diversas demandas que não estavam diretamente ligadas ao paciente, mas que por outro lado, influenciavam indiretamente, ao identificar demandas como falta de emprego, mulheres que não realizavam consulta com médico ginecologista há cerca de 10 anos, usuários que não conhecem o SUS, que desconhecem a distribuição de medicamentos gratuitos pelo Sistema Único de Saúde - SUS, entre outras demandas.

Nestas clínicas muitas vezes a família e o paciente já estão se preparando para alta, momento que se encontram menos fragilizados, podendo falar de outros assuntos que não somente o fenômeno que os trouxe até a instituição hospitalar.

Percebendo tais situações, e ao dialogar com os demais profissionais e com alguns pacientes destas clínicas elaboro um projeto de intervenção para desenvolver os círculos de cultura nas duas clínicas já mencionadas. Os objetivos foram realizar Círculos de Cultura através de educação popular com os acompanhantes e pacientes internados nas clínicas médica e cirúrgica de um hospital-escola situado na zona sul de São Paulo. Promover círculos de cultura sobre os mais variados assuntos, que possibilitem repensar formas de como enxergarem a saúde. Possibilitar que os participantes dos grupos círculos de cultura possam refletir

criticamente sobre seu cotidiano enquanto cidadãos. Pois o trabalho do Assistente Social vai além da demanda imediata, trabalhamos intervindo nas diversas expressões da questão social e essas demandas trazidas nos atendimentos são essas expressões, continuar apenas evoluindo isso em prontuário seria continuar contribuindo com a manutenção do “Status Quo” mantendo as coisas como estavam. O projeto foi desenvolvido com essa visão de podermos intervir para além do imediato e auxiliando que os trabalhadores pudessem pensar o seu cotidiano mais criticamente, o projeto foi desenvolvido na forma de rodas de conversa com pacientes que conseguiam sair do leito e seus familiares/acompanhantes, utilizando a tecnologia leve, como a oralidade dos sujeitos, para captar as demandas, e levantar os temas a serem discutidos, ou seja, não havia uma imposição da coordenação do grupo, mas respeitar a proposta dos participantes utilizando o conceito de Paulo Freire de que *“Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”*.

Utilizei o método de pesquisa qualitativa que segundo fulano (ano) indica uma relação dinâmica entre o sujeito e o mundo real, uma interdependência viva entre pesquisador e o sujeito da pesquisa – um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade dos sujeitos no processo investigativo tendo como procedimento metodológico a história oral.

Levantou-se enquanto hipótese que participar dos Círculos de Cultura poderia contribuir para que os pacientes e acompanhantes pudessem pensar seu cotidiano de maneira mais crítica e sentirem-se fortalecidos para pensar possibilidades de ações coletivas na defesa dos seus direitos.

O primeiro capítulo foi discutido sobre o que é educação popular e o que é educação popular na área da saúde, e para isso a discussão foi ancorada em Paulo Freire como principal referência.

No segundo capítulo a discussão girou em torno da profissão do Serviço Social, que perpassou pelo movimento de reconceituação da profissão, sobre o papel do assistente social como intelectual orgânico e como foi a vivência dos círculos de cultura que aconteceram no hospital. Como principais autores utilizei Gramsci, José Paulo Neto e Simionato.

No terceiro e último capítulo está a análise das entrevistas realizadas com

pacientes e acompanhantes onde a hipótese deste trabalho se confirmou, haja vista que os quatro entrevistados referiram que os círculos de cultura possibilitaram sim pensar o cotidiano deles mais criticamente.

CAPÍTULO I

1. EDUCAÇÃO POPULAR E CÍRCULOS DE CULTURA

Este trabalho de conclusão de curso abordará o trabalho do assistente social atuando na perspectiva de intelectual orgânico na área da saúde, promovendo através da educação popular e círculos de cultura com pacientes internados nas clínicas médica e cirúrgica e seus acompanhantes, de um hospital-escola do extremo sul da Cidade de São Paulo.

Entende-se por círculos de cultura:

Sistematizados por Paulo Freire (1991) os Círculos de Cultura estão fundamentados em uma proposta pedagógica, cujo caráter radicalmente democrático e libertador propõe uma aprendizagem integral, que rompe com a fragmentação e requer uma tomada de posição perante os problemas vivenciados em determinado contexto. Para Freire, essa concepção promove a horizontalidade na relação educador-educando e a valorização das culturas locais, da oralidade, contrapondo-se em seu caráter humanístico, à visão elitista de educação. (DANTAS; LINHARES, ANO 2014, p.74).

Pensando o assistente social como intelectual orgânico, inserido em um Hospital Escola pode contribuir com o seu conhecimento para a organização da classe trabalhadora na efetivação de garantia de direitos, através da educação popular não como uma educação para pobres, mas uma educação que parta da metodologia de Paulo Freire, como prática de liberdade, emancipadora. Uma educação que os indivíduos consigam se perceber enquanto classe trabalhadora, até então oprimida para encontrar na educação popular, formando um cidadão crítico que consiga pensar por si só na construção da Hegemonia em Gramsci ou conseguir reescrever o mundo a partir de sua realidade como afirma Farage em acordo com Ana Maria do Vale:

A educação popular por nós entendida é necessariamente uma educação de classe. Uma educação comprometida com os segmentos populares da sociedade, cujo objetivo maior deve ser o de contribuir para a elevação da sua consciência crítica, do reconhecimento da sua condição de classe e da potencialidade

transformadora inerente a essa condição. (VALE, 1992, apud FARAGE, 2009, p. 171)

De acordo com a autora Eblin Farage, no Seminário Nacional do Assistente Social no SUAS, afirma que o papel do assistente social como formador educador popular na construção de um projeto contra-hegemônico, ou como afirmava Gramsci, na construção de uma nova hegemonia. Como educadores populares, nós assistentes sociais, podemos contribuir na constituição do processo contra-hegemônico ou, como falava Gramsci, de uma nova hegemonia.

[...] E temos a necessidade de construir, nessa sociedade ainda, também como afirmava Gramsci, os germes daquilo que apostamos serem uma nova organização social. Não dá para esperar acontecer a revolução para ter nova prática, as novas práticas têm que ser construídas hoje, nos nossos espaços, por mais limitadas que eles sejam então, os germes de uma nova forma de sociabilidade deveriam ser intrínsecos ao nosso fazer profissional. (FARAGE, 2009 p. 267).

Paulo Freire chama de Palavras geradoras, que dão origem aos temas geradores, para serem usados nos círculos de cultura. Essas palavras, temas geradores, têm que ser pensada junto com os sujeitos a partir do seu cotidiano. O sujeito precisa se sentir pertencente ao processo de aprender a ler não somente a palavra, mas ler o mundo através da palavra, palavras que não vieram em uma cartilha pronta, pois cada ser é único, os lugares e as histórias são diferentes. São temas pensados junto com os sujeitos, ligadas a existência e a vida política, através do diálogo, na busca da transformação do modo de pensar a realidade. Para que as pessoas se percebessem inseridas de fato no processo histórico de remanejamento social.

O Assistente Social se percebendo não como dono do saber “conscientizador” do proletariado, mas perceber-se sendo da mesma classe trabalhadora, que atende no mesmo processo histórico na busca do ser, trabalhando comprometido com o projeto-ético-político do assistente social na busca da emancipação política do sujeito, podendo agir como intelectual orgânico, orgânico porque organiza o proletariado na busca de fazer a defesa de direitos, direitos esses que muitas vezes são desconhecidos e negados por este desconhecimento, pois a

educação bancária no seu processo de encher recipientes vazios, como se o sujeito nada tivesse a oferecer, forma sujeitos domesticados prontos para servir e obedecer.

A educação popular está dentro da perspectiva do SUS, temos uma Política Nacional de Educação popular na Saúde e dois cadernos do Ministério da Saúde em Educação Popular que nos trazem experiências e vivências desta prática no SUS, então logo o que trago neste trabalho não é novo, mas sim possibilidades de ações que também podem ser incorporadas não somente na atenção primária da saúde como na atenção secundária e sim em um Hospital Escola.

Educação Popular no Brasil nos remete ao nome do educador Paulo Freire, o mesmo foi o precursor das primeiras ações de uma educação que nos ensinasse a pensar o nosso cotidiano mais criticamente, uma educação emancipadora, que pudesse levar a classe trabalhadora a relacionar os acontecimentos do seu cotidiano, seu acesso a direitos e o não acesso a estes mesmos direitos com uma visão do macro e assim poder fazer da sua fala a sua prática.

Os primeiros trabalhos com educação popular se deram nos anos 60 em Angicos e Mossoró no Rio Grande do Norte e em João Pessoa na Paraíba com lavradores destes lugares a fim de que os mesmos fossem alfabetizados, foi a primeira experiência com os círculos de cultura, daí a educação popular e os círculos de cultura tiveram diversas experiências em vários estados do País. Os resultados eram trabalhadores alfabetizados em cerca de 45 dias, através de um método diferente, para além do já experimentado naquela época, com a educação formal, os trabalhadores não aprendiam a ler somente a palavra, mas a ler o mundo através da palavra, logo este método que se aproxima muito mais da realidade destes trabalhadores, pois se faz o ato de aprender junto com o sujeito, de uma forma horizontal, não onde o educador expõe o seu conhecimento e o educando apenas cumpre o papel de escutar e assimilar o que foi dito, mas sim de uma forma que fosse feito junto com estes trabalhadores.

Com os trabalhadores/educandos participantes destes círculos de cultura eram feitos um primeiro encontro por via do diálogo, a partir da realidade destes educandos, eram tiradas as palavras geradoras, que davam origem aos temas geradores, como tijolo, trabalho entre tantas outras palavras que faziam parte do

universo vocabular destes educandos, ou seja, a alfabetização se dava sempre a partir de palavras referidas por eles, e não a partir de uma cartilha pronta.

Após o Golpe Militar de 1964 não somente Paulo Freire, mas outros tantos intelectuais e simpatizantes das ideias de uma educação libertadora foram perseguidos, presos ou exilados. Com a redemocratização na década de 80 as experiências a partir da educação popular voltam a acontecer e ser incorporadas nas organizações não governamentais, na política de Assistência Social, nas universidades, serviços de saúde.

Paulo Freire durante o exílio sistematiza todas as suas ideias em livros como pedagogia do oprimido, muitos outros educadores, intelectuais e demais interessados em seus escritos puderam conhecer a sua prática e após esse conhecimento usar as ideias deste educador em seus projetos.

Ainda hoje nos deparamos com diversos intelectuais utilizando o método de Paulo Freire adaptando este método as mais diversas realidades, como fizemos em um hospital-escola localizado no extremo da zona sul de São Paulo.

1.1 EDUCAÇÃO POPULAR NA SAÚDE

Até a década de 80 somente os trabalhadores com registro em carteira de trabalho tinham acesso à saúde formal, após a constituição de 88 a saúde passa a compor o tripé da seguridade social junto com a política de assistência social e a previdência social, logo a saúde passa a ser um direito adquirido e de responsabilidade do Estado. A Seguridade Social com a Constituição de 1988 foi fruto das lutas dos trabalhadores e dos movimentos sociais que reivindicavam a reestruturação no tratamento às políticas sociais, especialmente as políticas de Saúde, Previdência e Assistência Social. Dentre as reivindicações destacamos: um sistema de saúde universal. A construção do SUS se deu em conjunto da reforma sanitária brasileira, percebendo a saúde para além do processo saúde-doença mas como as condições de sobrevivência da população, produzindo um outro conceito de saúde muito mais amplo do que somente o fenômeno da doença. Então nasce a partir deste contexto a educação popular na área da saúde, os profissionais da saúde, intelectuais, lideranças populares buscam organização para construção do

SUS, A 8ª Conferência em saúde foi um marco histórico onde trabalhadores, usuários do sistema público de saúde começariam a tecer o que hoje é o nosso Sistema Único de Saúde.

[...] Logo, a Educação Popular em Saúde se fez presente em todo movimento político de formulação dos marcos históricos da Reforma Sanitária, nos antecedentes da VIII Conferência Nacional de Saúde, na Assembleia Constituinte, no texto Constitucional e na organização do SUS, principalmente na participação e controle social (FALEIROS e col, 2006, p.31)

A Política Nacional de Educação Popular em Saúde nos possibilita ter uma direção para iniciar os trabalhos com educação popular em saúde:

[...] A PNEPS concebe a Educação Popular com práxis político-pedagógica orientadora da construção de processos educativos e de trabalho social emancipatórios, intencionalmente direcionada à promoção da autonomia das pessoas, à horizontalidade entre os saberes populares e técnico-científicos, a formação da consciência crítica, a cidadania participativa, ao respeito às diversas formas de vida, a superação das desigualdades sociais e de todas as formas de discriminação, violência e opressão. (PNEPS, 2013, p. 9)

Pensar como a educação popular pode ser usada nos mais diversos espaços, não somente como Paulo Freire iniciou seu método com alfabetização de jovens e adultos, mas o método se adapta as mais diversas realidades e por isso foi incorporado a política de saúde, ao SUS, para que possamos olhar o sujeito com todas as suas potencialidades e como parte fundamental no seu cuidado, tendo também muitos saberes para trocar com os trabalhadores do SUS na busca do que propõe a PNEPS.

O Ministério da Saúde possui dois Cadernos de Educação Popular em Saúde sendo o primeiro lançado em 2007 e o segundo em 2014, onde se tem relatos de experiências vivenciadas em diversas partes do Brasil utilizando a educação popular e também pode servir como parâmetros para novas práticas de atuação dos profissionais da saúde onde este tema ainda hoje, mesmo com direcionamentos para fazê-lo ainda é para muitos totalmente desconhecido.

Hoje em pleno século XXI, ainda nos deparamos com a prática de educação para o mercado globalizado em nome da tecnologia e do capital, o mesmo conceito de educação bancária, falada por Paulo Freire, modelo arcaico de ensino

preconizado que aliena os trabalhadores que não se reconhece como classe ideologicamente é desmotivada com a colocação de barreiras, impedindo o mesmo no alcance de novas culturas, não que o trabalhador não tenha uma cultura, a exigência que é imposta ao proletariado de ter novos conhecimentos que é exigida pela ideologia burguesa, e acabam ficando distantes para a população da classe subalterna para uma construção crítica e de conscientização.

[...] Nas diversas abordagens expostas, uma primeira refletia sobre o fato que a educação em geral sempre oscilou entre dois pólos: dominação e emancipação. Uma segunda, mesmo reconhecendo a sua necessidade de imperativa, salientava o abismo enorme entre as necessidades básicas e em crescente transformação e a incapacidade delas serem satisfeitas pelo sistema escolar. Uma terceira, com base em dados estatísticos e mesmo em pesquisas específicas, explicitava o fosso histórico existente nos países subdesenvolvidos, com um lugar singular na América Latina, entre o acesso das elites e setores ricos e dominantes no sistema escolar estabelecido, e a falta de acesso das maiorias populacionais ao ensino básico. (WANDERLEY, 2010, p. 20).

Com a insensibilidade a um novo “saber ou saberes”, são mais vulneráveis ao conformismo “status quo”, os mesmos sendo culpabilizados pela sociedade que reproduz as ideias burguesas que são introduzidas sutilmente através de instrumentos de comunicação em massa, não generalizando a importância desses aparelhos, mas são mal usados para o controle do pensar.

Com o processo de conscientização do proletariado através de uma educação para a transformação social, há uma importância grande no compromisso consciente, entre o educador e os educandos e outros tipos de intelectuais, que ao absolver esse conhecimento, deveriam agora não guardar para si, mais sim difundir esse saber, se colocando como intelectuais que através do mesmo também tenham um compromisso ideológico na sua ação nos espaços tanto acadêmicos quanto populares.

(...) apesar das diferentes leituras sobre a educação popular, o eixo hegemônico que norteou grande parte das experiências tinha como objetivo principal possibilitar às camadas subalternas da cidade ou do campo o acesso a direitos. Direitos que não estavam restritos apenas ao aprendizado das letras, mas essencialmente na leitura do mundo, bem como na possibilidade de superação do senso comum

enquanto única forma de crítica à organização social, apontando para uma perspectiva de transformação (FARAGE, 2011, p. 262).

A comunicação social é utilizada como patrulhamento do imaginário popular a reforçar valores da solidariedade e não de direitos sociais. Com uma população articulada na utilização dos meios de comunicação será mais difícil o processo de manipulação populacional, desse modo teremos uma grande aliada ao nosso favor, dando as classes populares um maior número de leitores e ouvintes que espalharão como vírus a informação, que levará ao conhecimento uma massa populacional com novas informações para outro tipo de forma de pensar, transformando cidadãos, estudantes e trabalhadores em seres pensantes e críticos levando-os para a sonhada emancipação política ao invés de termos a cultura de massa midiática como, por exemplo: futebol e novela.

O evento que vivenciamos nesse século nos possibilita uma reflexão da importância da reformulação da educação para uma ação que seja transformadora, com futuro conscientizado e o engajamento das pessoas nos movimentos populares incentivando para um verdadeiro crescimento intelectual, cultural e econômico.

“A tendência democrática de escola não pode consistir apenas em que um operário manual se torne qualificado, mas em que cada cidadão possa se tornar governante” (GRAMSCI, 2013, p.13).

E a possibilidade de autonomia do trabalhador, não só para a reprodução técnica de serviços materiais, mas para criação de seres produtores de conhecimento, isso já afirmava o filósofo Antônio Gramsci que defendia a escola como um espaço unitário onde rico e pobre pode desenvolver um pensamento crítico e criativo ao colocar o operário para funções tanto de produção intelectuais quando manuais.

No período ditatorial à época em que o país passou por conflitos entre os anos de 1964 a 1988, tempo que o Brasil era governado por militares. Havia ali a ausência da democracia, sanções e suspensão de direitos constitucionais, perseguições políticas e uma dura repressão a toda forma de expressão e a quem se colocavam contra o regime militar, como imposição econômico político pelo EUA, vivemos em uma democracia representativa e temos a oportunidade de hoje no país

falarmos o que pensamos, mesmo que os detentores do poder tentem colocar barreiras com falsas informações sobre o qual o papel e objetivo dos Movimentos Sociais e os mesmos que tentam abafar a voz dos manifestos.

Mas na busca e tentativas pela promoção de direitos, assim promovendo equidade social na construção de uma nova hegemonia que seja capaz de uma articulação em meio a conflitos criados diante da questão social, que surge na sociedade capitalista para a conquista do “poder”, é necessário haver uma crise orgânica nesse tipo de ordem política vigente que tenha o objetivo de conseguir desestabilizar essa hegemonia desses grupos detentores dos processos políticos e sociais, assim estabelecendo um novo caminho político na sociedade.

Na sociedade contemporânea neoliberal o contraponto do pensamento marxista, em busca da tão sonhada emancipação política, uma utopia para o passado e também no futuro nessa sociedade vigente, não como um mundo onde a igualdade, sem a fadiga do trabalho, opressão a ideologia do capital, enfim, um mundo completamente prazeroso, mas na perspectiva de mudança pontuais, teremos que está sempre em conflitos na busca de transformação sobre o sistema da sociedade contemporânea.

Os círculos de cultura podem ser de resistência política. O usuário inserido nestes círculos tendo a chance de participar ativamente na busca de defesa de seus direitos talvez possa alcançar a tão falada emancipação política do sujeito na qual este trabalho vem frisando. Sabendo que como diz Paulo Freire: “Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si mediados pelo mundo” (FREIRE, 1987, p. 63).

O sujeito, sujeito que tem acesso à educação bancária no conceito de Paulo Freire que nos diz: “A educação se torna um ato de depositar, em que os educados são os depositários e o educador depositante” (FREIRE, 1987, p. 63).

A educação bancária que foi inserida na sociedade Brasileira pela ditadura militar entre 1964 a 1985 e que vem aprofundando com o consenso de Washington na perspectiva da precarização e desvalorizando da educação pública, privada e técnica, sobre a mutação do capitalismo, com a Globalização houve mudanças nos moldes educacionais e a evolução da tecnologia para comunicação a distância,

trazendo a era digital e o acesso às diversas classes na capacitação “online ” isso trouxe aparentemente “vantagem” para o trabalhador, ao se atualizando para o mercado de trabalho, sendo assim transformando o sujeito em mecânico com vivência em uma vida virtual sem contatos face a face, tornando os mais fáceis para manipulação e reprodução do senso comum. O processo de modernização a um impacto no modo de pensar a educação, que deveria ter a característica cultural política na perspectiva da transformação uma transformação social.

Na contemporaneidade devido à velocidade da informação e a pressão do capital, em capacitar os trabalhadores para a sua exploração devido à exigência do mercado, isso desvalorizando a educação popular para uma reflexão a produção e reprodução de coisas e alienação ao capital ao senso comum, a participação social tem enfoque na solidariedade.

O homem é domesticado pelo capitalismo os mesmos que ditam o que devemos vestir, assistir, ouvir, comer, e beber, são ideias intelectuais partidas das grandes academias, a fim da manutenção do “status quo”.

Essa educação popular pode se dar com estes sujeitos participando dos círculos de cultura que acontecem no hospital. Essa emancipação política que tem ação transformadora a partir do momento em que o sujeito se insere no círculo de cultura. Transformar a realidade vivenciada no cotidiano do sujeito através da consciência crítica da realidade, consciência essa que não pode ser passada para o outro, nem depositada no sujeito, a mesma só pode se dar nas relações sociais, no que é vivenciado por cada um como diz Paulo Freire: Precisamos estar convencidos de que o convencimento dos oprimidos de que devem lutar por sua libertação não é doação que lhes faça a liderança revolucionária, mas resultado de sua conscientização. (FREIRE, 1987, p.63).

O Assistente Social, intelectual orgânico, quando comprometido com os assalariados, não pode se distanciar da verdadeira luta, de seu papel ético-político com os sujeitos atendidos, nem deve se achar dono do saber e que tem que passar este saber para o sujeito, este é um processo e nós como seres inconclusos, incompletos, pois nenhum saber é absoluto e não podemos negar a busca do outro de ser mais. Como ressalta Paulo Freire: Seria, realmente, uma violência, como de fato é, que os homens, seres históricos e necessariamente inseridos num

movimento de busca, com outros homens, não fossem o sujeito de seu próprio movimento. (FREIRE, 1987, p.63).

O Assistente Social comprometido com a classe à qual também pertence deverá trabalhar para transformação social, essa transformação pode se dar a partir de diálogos, os círculos de cultura promovem, possibilitam esse diálogo, nos possibilita estar próximos da população atendida, conhecê-los de perto e poder com eles pensar estratégias para o nosso cotidiano, e para além do imediatismo que muitas vezes o cotidiano do trabalho nos remete a uma alienação do nosso papel enquanto trabalhadores, muitas vezes nos distanciando do que realmente significa a nossa profissão.

CAPÍTULO II

2. A HISTORICIDADE DA PROFISSÃO

O Serviço Social é uma profissão alocada na divisão sócio-técnica do trabalho, tem seu surgimento no Brasil na década de 30, período em que o país vivia uma nova composição de arrecadação de capital, a implantação dos parques industriais, estes tomavam o lugar do setor agrário tornando-se maior fonte de acumulação capitalista. “Cada indivíduo, enquanto ser histórico-social, tem de desenvolver a sua própria busca de apropriação da contradição como princípio explicativo do real, tem de consumir o seu movimento histórico da ruptura da alienação no interior do coletivo”. (MARTINELLI, 2010, p.138).

As forças do operário em suas manifestações começam a se sobrepor a ordem estabelecida, e a burguesia unida ao estado e a igreja já não conseguia desmobilizar os movimentos do proletariado. “Impõe-se uma ação doutrinária e organizativa com o objetivo de livrar o proletariado das influências da vanguarda socialista do movimento operário e harmonizar as classes em conflitos a partir do comunitarismo cristão”. (IAMAMOTO, 2011, p.19):

Nesse mesmo período surge uma nova forma de controle do estado, período militar, que nasce com a ideia de sobrepor aos interesses de classes a fim de harmonizar a sociedade novamente, junto à burguesia e a igreja reescreve uma hegemonia de poder pautada no âmbito da classe dominante nacional e internacional.

Com traços iniciais de suas práticas voltadas para a ação assistencial, sempre em funções realizadas por mulheres burguesas e católicas, o que revela sua aliança com a classe dominante. Cria-se então o CEAS (Centro de Estudo e Ação Social) em São Paulo, evento que pode ser considerado o primeiro passo do Serviço Social no Brasil em 1932. A concepção de estado e de sociedade estabelecida foi de uma sociedade de papel em uma perspectiva estrutural-funcional.

Em sua primeira trajetória o Serviço Social sempre esteve ligado a igreja católica e foi esse grupo que criou a primeira escola de Serviço Social em 1936 e bases conceituais acerca da prática profissional. A Questão Social era sempre vista

como falhas na formação familiar atrelado ao ingresso das mulheres (mães de família) no mercado de trabalho. Sua ação trazia marcas do pensamento franco-belga de ação social, defendendo a igreja e agindo de forma conservadora, anti moderno e antiliberal, contra as ideias marxistas e explicavam a Questão Social com um olhar capitalista. Os conteúdos básicos das primeiras turmas eram as encíclicas papais: *Rerum Novarum e Quadragésimo Anno de 1931*. Hoje em 2017 vemos que o Serviço Social no Brasil viveu dois grandes períodos: sendo de 30 a 70 e de 80 até os dias atuais, a macro-economia determina ações diferentes, seja socializar e ou dinamizar, o trabalho realizado foi e é feito dentro das suas possibilidades.

No período o Serviço Social era simplesmente um instrumento de controle social, responsável pela reprodução das relações sociais da produção capitalista, criando a ilusão de que a hegemonia do capital poderia ser buscada por toda a sociedade. Dentro do Serviço Social, existe a classe pensante, ou seja, aquela que tem acesso a publicar e a mesma que reforça a ideia utópica de igualdade.

O mito de que todos são livres para trabalhar onde queiram. Se não lhes agrada o patrão, podem então deixá-lo e procurar outro emprego. O mito De que esta “ordem” respeita os direitos da pessoa humana e que, portanto, é digna de todo apreço. (...) o mito da igualdade de classe, quando ‘sabe com quem está falando? é ainda uma pergunta de nossos dias”. O mito do heroísmo das classes opressoras, como mantenedoras da ordem capitalista. (...) O mito da operosidade dos opressores e o da preguiça e desonestidade dos oprimidos. O mito da inferioridade “ontológica” destes e da superioridade daqueles. (FREIRE, 2005, p.159).

O capital financeiro, que é imposto pela divisão do trabalho no Brasil continua naquele bloco econômico que permanece alimentando a riqueza do capital internacional, que olha para os direitos sociais ainda com desprezo e com o discurso “emancipatório e de participação” obrigam as economias latino-americanos a extração e a transferência de suas riquezas para fora, enquanto o mínimo fica para a manutenção da sobrevivência nas franjas das cidades, prevalecendo a solidariedade. “A profissão não se caracteriza apenas como nova forma de exercer a caridade, mas como forma de intervenção ideológica na vida da classe trabalhadora,

com base na atividade assistencial; seus efeitos são essencialmente políticos” (IAMAMOTO, 2011, p. 20).

Embora até hoje essa concepção não caracterize grandes ações, pois ainda temos um governo que discursa a efetivação dos direitos sociais, mas que busca suprir apenas situações imediatas, sem atenção e busca pela ideologia emancipatória dos cidadãos.

Crescia uma profissão imediatista, alienada e alienante que reproduziam os interesses da classe dominante, que através de benefícios remediadores procuravam encobrir a dominação, consolidando sua hegemonia de classe, a fim de garantir o controle social das classes mais pobres. É necessário romper com uma visão endógena, focalista uma visão de dentro do Serviço Social, prisioneira em seus muros internos.” (IAMAMOTO, 2000, p. 20). Hoje é preciso ir para além da defesa dos direitos, é fundamental expressar-se politicamente, adquirir conhecimentos e expandir sua ação profissional na luta pela quebra da imagem messiânica que foi criada em cima da profissão do Serviço Social.

Desta forma, desprovida de consciência política e talvez com uma consciência mágica. O Assistente Social permitiu que a profissão se desenvolvesse sem sua própria identidade, e sem consciência coletiva em termos de projeto político e ação profissional efetiva.

O Serviço Social estava tão envolvido em suas ações mecanizadas que não conseguiam construir uma análise sólida que o levasse a compreensão política presente na sociedade capitalista.

O Serviço Social em sua inserção na divisão social do trabalho e com prática voltada para a defesa dos interesses burgueses, não conseguiam tomar consciência das contradições que o envolviam, assim não tinham como superá-las. Atendendo sempre a expectativa da classe dominante, da igreja e do estado, o serviço social vai cada vez mais se institucionalizando, sempre de forma conservadora e reproduzindo de forma alienada as relações de exploração.

Com os reflexos da Segunda Guerra e o excesso de crises políticas e sociais, o discurso burguês também começa ruir. A própria história se encarregou de

fortalecer as lutas políticas de emancipação, a realidade dada alimentava a necessidade de mudanças.

Na crise do sistema capitalista, vê-se a oportunidade de confrontar as realidades das classes e observar como elas se contradizem.

Assim, inicia-se o processo de rupturas da alienação do Serviço Social, ou seja, adquirir uma consciência crítica e politizada que rompa com a imediatividade e superficialidade. É refletir sua ação, indagar seus atos, para construir seu plano de ação politizado e pautado na necessidade do usuário.

Essa ruptura significa deixar de lado todo costume impregnado no cotidiano pré-determinado pela classe dominante, negar o que é visível, o atribuído. Ter essa consciência como característica de suas ações é preservar o coletivo, respeitando o singular, para além do agora. “Cada indivíduo, enquanto ser histórico-social tem de desenvolver a sua própria busca de apropriação da contradição como princípio explicativo do real, tem de consumir o seu movimento histórico da ruptura da alienação no interior do coletivo” (MARTINELLI, 2010, p.138).

E este processo começou pelo profissional Assistente Social; trabalhador e intelectual orgânico. Desacreditado pela classe trabalhadora, o serviço social amarga a condição de mero objeto usado para manutenção de valores estipulados pelos dominantes. Sempre com ações imediatistas e despolitizadas que o mantinha sem identidade. Seus usuários não valorizavam e nem acreditavam em suas práticas, o que lhe retirava a possibilidade de responder a perguntas visíveis e questionáveis da realidade. Em meio a essa crise de identidade da profissão surge a oportunidade de transformação da visão, da busca pela consciência política, a fim de lutar por uma nova realidade.

Em 1960, os países industrializados viveram um período de grandes tensões ainda com reflexos da Segunda guerra mundial, grandes números de pessoas desempregadas aumentam-se os indigentes, doenças, fome, miséria. Aspectos que atingiam e até comprometiam a totalidade do processo social. À medida que o quadro se agravava e aumentava a preocupação dos governantes em entrar e elevar sua posição em escala mundial expandir o seu capital, não permitiam que suas ações fossem focadas na atenção à questão social. Assim, as lutas entre as

classes ganham forças e saem as ruas, os movimentos sociais se multiplicam e essas ações aterrorizam os vários setores da burguesia que neste instante está aliada aos militares, com o objetivo de buscar formas de controle social. Para tanto, o resultado de seus esforços não evitam o Golpe de estado em 31 de março de 1964, dando início a ditadura, regimento que minavam força, as ações dos movimentos populares. A Revolução Cubana de 1959 é um exemplo desses movimentos populares que atinge a ala dominante. Esse movimento liderado por Fidel Castro consolida o sistema socialista em Cuba.

Com uma bagagem cheia de estereótipos e sequelas adquiridas no decorrer de sua história, o Serviço Social ascende em 1965 o Movimento de Reconceituação, que viria para romper com preconceitos e apagar imagens registradas ao longo de sua vida. No entanto, devido a sua falta de identidade e pelo fato de estar alienado vê-se nesse processo uma categoria fragilizada, fragmentada e desunida, onde teríamos profissionais conservadores e outros revolucionários, o que acabaria por limitar algumas possibilidades de amadurecimento da profissão.

Desta forma temos uma relação conflitante entre alienação e crítica permeando em meio à profissão.

Mas a consciência crítica da qual os agentes eram portadores e que se materializara com a ruptura da alienação, com o amplo assumir da contradição ensejado pelo Movimento de Reconceituação, intensificava-lhes o desejo e direcionava-lhes as ações no sentido de lutar continuamente por novas superações dialéticas, pela expansão da consciência política da categoria profissional, pela ampliação de espaços para a produção do novo. (MARTINELLI, 2010, p.146).

O Movimento de Reconceituação, embora tenha aproximado alguns grupos de profissionais, não houve homogeneidade permitindo assim que houvesse várias vertentes que dão origem a uma série de posicionamentos frente a profissão. “Nos campos em que esses dois polos imantavam, entrecruzavam-se e colidiam concepções de sociedade de teoria e de profissões diversas” (NETTO, 1991, p.153-4).

Durante esse processo várias produções teórico-metodológicas se expressavam, dentre esses destacamos o documento de Araxá, como fruto do I seminário de teorização do Serviço Social, realizado em Araxá (MG) em Março de 1967, posteriormente temos a elaboração do documento de Teresópolis, originado

após II encontro realizado no Rio de Janeiro, em Janeiro de 1970, no que tangia a teorização. E seminários Metodológicos realizados em Sumaré e Alto da Boa Vista em novembro de 1978, o que pode se classificar esses documentos como a cientificidade do Serviço Social.

Em meados da década de 70 começou-se a observar um deslocamento da perspectiva modernizadora do protagonismo do debate no seio do Serviço Social. Não que ela tenha desaparecido. Como é de conhecimento geral, as várias perspectivas, no interior do Serviço Social, continuam coexistindo até nossos dias. É preciso não esquecer que há um constante movimento que se dá no interior do Serviço Social, profissão que está inserida nas relações sociais contraditórias da sociedade e que, portanto, não pode ser analisada como se fosse um bloco monolítico. Nuances, prismas, tendências, rupturas estão constantemente presente na história do Serviço Social (WANDERLEY 1998, p. 42-43)

Essa perspectiva não significou uma ruptura com o conservadorismo, apenas uma atualização da profissão, antes conduzida por padrões capitalistas ou mesmo por “desenvolvimento de segurança”, demarcado pela ditadura militar, e agora construtor de reflexões que o conduzam teórico-metodológico para uma ação mais efetiva, assertiva ou de resistência.

Nessa reconceituação, o desenvolvimento de comunidade é fortalecido, mais vale ressaltar a importância de articular-se com os movimentos sociais, a fim de se aproximar da classe dominada, os círculos de cultura são uma forma/possibilidade de aproximação com a classe a qual também pertencemos a classe trabalhadora.

E no ressurgimento em cena dos movimentos sociais, notadamente na década de 70:

De um lado a crítica sobre o desenvolvimento de comunidade desvendara seu caráter ideológico, reiterativo e manipulador. De outro, a reconceituação do Serviço Social apontara para os limites de ação profissional no interior das instituições. (...) apontou a possibilidade de ação do Serviço Social junto aos movimentos populares, como alternativa de criação de vínculo orgânico com a classe dominada (AMMANN, 1991, p. 182-3).

As ações junto aos círculos de cultura passam a ser uma alternativa de aproximar-se das classes subalternas e assim contribuir para a aplicação de conhecimentos da classe, bem como apontar as linhas de reflexão que os conduziram para sua própria emancipação social-política, tornando-se construtores de sua história. Propondo a ruptura da alienação impregnada na população desfavorecida economicamente, uma vez que estão inseridos em um cotidiano que esmaga e oprime, limitando inclusive a possibilidade de reflexão.

O povo por sua vez, enquanto esmagado e oprimido, introjetado o opressor, não pode, sozinho, constituir a teoria de sua ação libertadora. Somente no encontro dele com a liderança revolucionária, na comunhão de ambos, na práxis de ambos, é que esta teoria se faz e se re-faz (FREIRE, 1987, p.75)

Na busca pela renovação do Serviço Social, a perspectiva renovadora ou intenção de ruptura aparece em meados da década de 70 com o objetivo de romper com o conservadorismo na profissão. Nesse período em meio as universidades criou-se inclusive a ideia de mudança no nome a fim de romper com o tradicionalismo, esse raciocínio segue até o final da década, quando é percebido que a nomeação dada a profissão torna-se um fator secundário, uma vez que esse conservadorismo se define por falta de uma compreensão sócio- profissional.

Essa perspectiva pretende trazer a criticidade ao profissional Assistente Social. E para obter essa criticidade é necessário embasamento teórico e político, saber articular as solicitações em todos os seguimentos, saúde, habitação, etc. Não se responsabilizando apenas pela denúncia ou encaminhamento, mas no sentido de elaborar propostas que melhorem a qualidade dos serviços prestados, estando atento aos movimentos de classes sociais, observando como se organiza o poder público, buscando alianças que sejam aliados a sua prática. “Exige que os Assistentes Sociais sejam mais que meros técnicos executores, que possam ousar enfrentar a realidade e os desafios de um profissional que também é um intelectual” (IAMAMOTO, 2011, P.125).

Já no final da década essa intenção de ruptura ganha maior visibilidade, mas confronta-se com a autocracia burguesa. “O fato central é que a perspectiva de

intenção de ruptura, em qualquer das suas formulações, possuiu sempre um ineliminável *caráter de oposição* em face da autocracia burguesa” (NETTO, 2001, p. 248).

Para Netto “A perspectiva da intenção de ruptura depende, mais que as outras tendências operantes no Serviço Social, de um clima de liberdades democráticas para avançar no seu processamento”. (NETTO, 2001, p.249)

A universidade se torna o local mais seguro para pesquisas e experiências que comprovassem seu movimento de ruptura. “O projeto de ruptura evidenciou-se e explicitou-se primeiro e especialmente como produto universitário sob o ciclo autocrático burguês” Netto (2001, p.251). Ali era possível desenvolver experiências-piloto, realizar pesquisas sem que houvesse a intervenção do estado burguês e um controle autocrático.

Um período de laicização, ou seja, processo em que substitui o religioso pelo laico, a perspectiva de intenção de ruptura aparece não apenas para vontade dos interessados, mais apontam para tendências vista em toda a sociedade, se expressando através de instâncias da divulgação do saber, projetos societários, formas de viabilização das relações entre classes e forças sociais. Embora refreada pela autocracia burguesa que defendem outros interesses. “Já sabemos que uma das funções da autocracia constitui mesmo em frear vetores desta dinâmica, dinamizar outros etc.” (NETTO, 2001, p. 256) “Parece-nos legítimo rastrear no processo de constituição da perspectiva da intenção de ruptura três momentos diferenciáveis: o da sua emergência, o da sua consolidação acadêmica e o do seu espraiamento sobre a categoria profissional”. (NETTO, 2001, p. 261)

Nesta linha de movimentos constitutivos, no que diz respeito a renovação e que um trabalho bastante abrangente que trás até hoje uma característica diferenciada é o Método BH, um grupo de estudantes mineiros focados na busca pela renovação do Serviço Social “é na atividade deste grupo que a intenção de ruptura se explicita originalmente em nosso país” (NETTO, 2001, p.261), trabalho que faz uma crítica ao tradicionalismo profissional. O método BH procurava romper com a então hegemonia, visão tradicional, a fim de renovar a prática de ação do Assistente Social. Como diz Yamamoto “Cabe aos profissionais apropriarem-se

dessas possibilidades e, como sujeitos, desenvolvê-las transformando-as em projetos e frentes de trabalho.” (IAMAMOTO, 2000, p. 21).

No período que vai entre 1964 e 1985 o Brasil vivia a ditadura militar, época amarga, marcada pela falta de democracia, ausência de direitos constitucionais, perseguição política, censura e repressão a todos que eram contra a postura militarista. E mesmo submerso nesse cenário inteiramente adverso, sofrendo com a face mais violenta da ditadura que o Serviço Social corre para a criação de um novo olhar que embasa sua atuação enquanto profissional.

Neste momento temos a reflexão crítica de Marilda Villela Iamamoto no que tange ao tradicionalismo, sendo uma produção acadêmica que coroa e reforça a luta pela ruptura. “É absolutamente impossível abstrair a reflexão de Iamamoto da consolidação teórico-crítica do projeto da ruptura no Brasil” (NETTO, 2001, p.276). Um trabalho que sinaliza um avanço nas produções do Serviço Social e aponta para o crescimento da intenção de ruptura.

Nas últimas quatro décadas, pode se perceber um avanço no Serviço Social, desde 1980 a Marilda vem ampliando a concepção acerca do trabalho, onde temos o Serviço Social também como classe trabalhadora, e que realiza um trabalho prestando serviço seja em ambiente público ou privado com um grande número de pessoas excluídas de vínculos com qualquer forma de renda. É justamente com ela que a teoria de marxista inicia sua efetiva interlocução com a profissão. Na teoria Social de Marx, o conhecimento não é manipulador, apreende dialeticamente a realidade em seu movimento contraditório. Com Marx o Serviço Social consegue explicar a sua profissão como categoria e vão permear as ações voltadas às formações do Assistente Social.

O que importa ressaltar – para os fins da presente análise – é que se a descoberta do marxismo pelo Serviço Social latino-americano contribui decisivamente para um processo de ruptura teórica e prática com a tradição profissional, as formas pelas quais se deu aquela aproximação do Serviço Social com o amplo e heterogêneo universo marxista foram também responsáveis por inúmeros equívocos e impasses de ordem teórica, política e profissional cuja refrações até hoje se fazem presente (IAMAMOTO, 2001, p. 210).

O Serviço Social é uma profissão inserida no capitalismo, mas com o objetivo de reduzir a exploração gritante e marcante entre burgueses e proletariados, empresários e funcionários. É nesse momento que o Serviço Social domina as suas teorias sociais reproduzindo conhecimento e alcançando sua maturidade, o que lhe traz visibilidade diante da academia, porém sem visibilidade para o grande público.

“A maturação intelectual, profissional e política destes protagonistas é, de algum modo, a consolidação do processo da perspectiva que estamos examinando” diz Netto (2001, p.271).

À medida que luta-se contra o conservadorismo, é necessário se atentar para não reproduzir a perspectiva de messianismo profissional. Como diz Yamamoto (2000, p. 21) “uma visão heroica do Serviço Social que reforça unilateralmente a subjetividade dos sujeitos, a sua vontade política sem confrontá-la com as possibilidades e limites da realidade social”.

2.1 INTELLECTUAIS ORGÂNICOS E TRADICIONAIS

Para principiar esta explanação em torno do conceito de Intelectual orgânico, antecede explicar o conceito de cultura segundo Gramsci; cultura está relacionada à classe dominante, que a impõe sobre a classe subalterna, instituições de ensino transmitem um conhecimento referenciado em uma cultura elitista, entrando em desarmonia com os saberes da prole do proletariado.

Assim, cabe observar que a massa de camponeses, ainda que desenvolva uma função essencial no mundo da produção, não elabora seus próprios intelectuais “orgânicos” e não assimila nenhuma camada de intelectuais “tradicionais”, embora outros grupos sociais extraiam da massa camponesa muitos de seus intelectuais e grande parte de seus intelectuais tradicionais seja de origem camponesa (SANTOS, 2009, p. 153)

Intelectuais orgânicos na perspectiva de Gramsci são aqueles que emergem de sua própria classe e a ela defende, já os intelectuais tradicionais estão intimamente ligados com a burguesia, seus ideários não contemplam o fazer efetivo, este muito próximo do intelectual orgânico.

Além disso no campo, o intelectual (padre, advogado, professor, tabelião, médico etc.) possui um padrão de vida médio superior, ou, pelo menos, diverso daquele camponês médio e representa, por isso, para este camponês um modelo social na aspiração de sair de sua condição e de melhorá-la (SANTOS, 2009, p.151)

O papel do assistente social como intelectual orgânico esta inter-relacionado com uma série de fatores explícito e implícito na historicidade da profissão, sendo assim para fazer tal análise nos ocuparemos em primeiro momento, em apresentar do prisma de Simionato no que tange os conceitos de Gramsci e suas contribuições a conceituação dos profissionais Assistentes Sociais. No mesmo nível de importância, consideraremos a perspectiva do A.S Faleiros apresentando o período que antecedeu a visão Teórico-metodológica, Ético-político e técnico-operativa do serviço social contemporâneo.

Em meados dos anos 60 no qual Faleiros nota um rompimento dos Profissionais da assistência com o sistema vigente da época, Ivete Simionatto traz esta mesma data como marco da chegada dos pensamentos de Gramsci ao Brasil, levando em consideração, segundo Simionatto; o momento de legitimidade da profissão como profissionais liberais, as indagações as matrizes conservadoras ficam mais evidentes neste contexto. Tratando de maneira mais clara, o trabalho realizado pelos assistentes sociais da época, estava firmemente atrelado ao conservadorismo, as práticas já não atendiam as demandas, neste momento surge um movimento com propostas que não destoassem da realidade vigente.

As propostas de natureza crítica que emergiam no interior do Serviço Social, neste período, não encontraram, no entanto, espaço para se desenvolver, pois com o golpe militar de 1964, a tendência pragmático-tecnocrática é assumida como forma de responder às necessidades do crescente processo de acumulação capitalista. (SIMIONATTO, 2001, p. 5)

A autora ainda descreve que mesmo nesta situação, tendo em voga um Estado repressivo, o serviço social encontra formas de criticar o autoritarismo e os aportes teóricos engendrados na profissão de serviço social. “É o caso da experiência desenvolvida na Universidade Católica de Minas Gerais, em Belo Horizonte, entre 1972-75 que irá se expressar através do chamado método BH” (Simionatto, 2001, p. 5), como já vimos nos capítulos anteriores.

De acordo com NETO, (1996) este método traz como intento romper com o tradicionalismo/conservadorismo da profissão, fica marcado historicamente como afirmação ideo-política do Serviço Social, no entanto, este fato não extrai totalmente a prática conservadora dos Assistentes Sociais abitolados em suas proposições operacionais e focalizadas. Trataremos agora de entender esta construção histórica do serviço social na visão de Faleiros.

A hipótese geral sobre o surgimento e o desenvolvimento do Serviço Social na América Latina pode ser formulada nos seguintes termos: O Serviço Social se “fundamenta” na negação dos antagonismos do modo de produção capitalista. Ele Atua, na Prática, na “camuflagem” ou na diminuição desses antagonismos. Deriva daí sua própria contradição. (FALEIROS, 1984, p.14).

Para tratar o assunto posto acima por Faleiros, (1984) nos apropriaremos de conceitos utilizados pelo autor no período citado; em um primeiro momento, Faleiros classifica o Serviço Social, em sua constituição, como sendo um instrumento do Estado para conter os ânimos dos Trabalhadores, em outro momento como um profissional político, rescindindo a este sistema, ora também como um período reflexivo onde surgem vários estudos teóricos sobre o Serviço Social, e por fim, um momento em que se une a sabedoria teórica com a prática.

Vejamos então, que não iremos aqui nos ater ao que precedeu a profissão, mas investigar momentos importantes do serviço social partindo do contexto apresentado por Faleiros.

Na primeira metade do século XX estava intrínseca nos programas de saúde e de assistência aos operários a ideia de adequar o homem à sociedade (Faleiros, 1984). “Segundo esta concepção a sociedade está dividida entre os bons e os maus, e cabia ao Serviço social a missão de reconduzir os desviados ao “bom caminho”.” (FALEIROS,1984,p.21). Também é válido ressaltar a grande influência da Igreja e, portanto, a vinculação de seus ideários propostos por intelectuais tradicionais eclesiais no cunho da profissão.

Por fim está explanação faz-se necessária na medida em que contribui para nosso propósito de análise, saber identificar a figura do intelectual orgânico permite-

nos traçar evidências de politização dos indivíduos dentro de círculos de cultura, e através deste intelectual (Assistente Social) procurar clarificar se os conceitos apresentados no transcórrer deste capítulo estão ou não sendo posto no exercício da “práxis” profissional.

2.2 OS CÍRCULOS DE CULTURA UMA VIVÊNCIA POSSÍVEL

Este capítulo discorre sobre como foram os círculos de cultura que ocorreram no período de abril a junho de 2017. Realizamos como foi proposto inicialmente encontros espaçados não chegando a serem quinzenais com acompanhantes e pacientes que estiveram internados nas clínicas médica e cirúrgica de um Hospital localizado no extremo da zona sul de São Paulo.

I Encontro dos Círculos de Cultura:

Em 04 de Abril de 2017 iniciamos os Círculos de Cultura no Hospital, mas não iniciei sozinha, na equipe estavam presentes sempre a Psicóloga e um assistente social todos fazendo parte do programa de residência multiprofissional, realizamos o primeiro círculo de cultura com pacientes internados e acompanhantes dos setores da clínica médica e cirúrgica.

Neste primeiro encontro os convites foram realizados a partir de busca ativas em todos os quartos, foram convidados pacientes e acompanhantes das clínicas citadas acima. Participaram deste primeiro encontro 12 pessoas, sendo pacientes e acompanhantes.

Iniciamos explicando o objetivo do círculo de cultura e em seguida foi sugerido alguns temas para discussão, esses temas foram sugeridos por alguns pacientes que ficaram internados no hospital durante o mês de Dezembro/2016, no decorrer de atendimentos realizados.

Dentre os temas sugeridos pelos pacientes estavam: saúde da mulher e do homem, saúde para além da consulta médica e medicamento. Os participantes do círculo gostaram dos temas sugeridos e então foi aberto para discussão. No fim do círculo de cultura, os participantes sugeriram outros temas, tais como: Terceirização, Reforma da Previdência, INSS, SUAS, SUS e Rede de Serviços.

Observou-se interesse por parte dos pacientes e familiares nas discussões, mostrando-se participativos, colocaram relatos de vida e experiências de situações relacionadas ao temas acima.

Por fim, foi acordado com os participantes presentes que o próximo encontro seria no dia 07/04/2017 às 14h30minhs e que falaríamos de dois de temas sugeridos por eles, então sugeriram falar sobre a Reforma da Previdência Social e Terceirização.

Conclui-se que este primeiro encontro foi muito proveitoso, pois tivemos a participação e atenção da maioria dos participantes, podemos observar que este espaço será de muita troca de saberes e experiências.

II Encontro do Círculos de Cultura:

Nesta data foi realizado o segundo encontro do círculo de cultura, convidamos todos os pacientes e acompanhantes das clínicas médica e cirúrgica para participarem do grupo, ao todo foram 18 participantes O encontro aconteceu no hall das clínicas médica e cirúrgica que está localizado no 5° andar deste hospital.

Trouxemos dois dos temas propostos por eles como terceirização e reforma da previdência, entregamos um informativo sobre como funciona a previdência atualmente e quais seriam suas principais mudanças.

Abrimos para todos os participantes discutirem sobre os temas, seus impactos no cotidiano e em suas vidas enquanto trabalhadores. Durante a roda de conversa outros temas foram surgindo como educação, cultura, dinâmica familiar, álcool e outras drogas, inclusão social e acesso aos direitos.

Percebemos uma grande aderência dos pacientes e acompanhantes, a maioria foi participativa, trazendo as questões abordadas tanto no micro como no macro, ou seja, conseguindo avaliar os impactos destas mudanças e suas vidas e nas vidas dos demais brasileiros. Sugeriram ações para além das rodas de conversa, propondo outras formas de intervenção que pudessem ir além dos muros do hospital.

III Encontro dos Círculos de Cultura:

Nesta data foi realizado o terceiro encontro do círculo de cultura, convidamos todos os pacientes e acompanhantes das clínicas médica, cirúrgica e neurologia para participarem do grupo, ao todo foram 16 participantes. O encontro aconteceu no hall das clínicas médica e cirúrgica que está localizado no 5º andar deste hospital.

Trouxemos um dos temas propostos por eles como saúde da mulher e do homem, iniciamos com a leitura do texto “A Crise do Homem e o Atendimento no SUS” este texto havia sido escrito para compor o caderno de saúde do homem do ministério da saúde, mas não foi aceito por seu caráter poético. Entregamos para todos os participantes informativos contendo endereços e atividades gratuitas que teriam a intenção de promover saúde e também este texto da crise do homem, para que assim eles tivessem uma pasta de recursos com outras possibilidades para integrar os seus cuidados em saúde.

Abrimos para todos os participantes discutirem sobre o tema proposto, muitos trouxeram demandas individuais, conversamos sobre saúde não ser somente ausência de doença e que também é para além de ingerir a medicação e ir a consultas médicas, não tirando a importância disto, mas sim pensando em complementar essas ações, discutimos sobre o papel de algumas instituições que deveriam promover saúde como diz o texto, mas são lugares de doença, de fila, de espera e o que poderíamos fazer mudar essa situação.

Percebemos que muitos apesar da dificuldade em colocar suas ideias no macro tentaram trazer suas questões e discuti-las abertamente e pensarem saídas para as mesmas de forma coletiva. Sempre lembrando que este espaço é para abrir um debate e não para encerrá-lo, para que os participantes possam levar esse assunto para dentro de seus lares, e outros espaços de convivência.

IV Encontro dos Círculos de Cultura:

Na realização do último encontro do círculo de cultura, compareceram ao encontro pacientes e acompanhantes dos setores das clínicas médica e cirúrgica para, ao todo foram 15 participantes. O encontro aconteceu no hall do quinto andar da instituição.

No IV e Último encontro foram discutidos temas relacionados ao Álcool e outras Drogas como uso, abuso e dependência, a atual situação da “Cracolândia” e

intervenção da prefeitura de São Paulo e Governo do Estado de São Paulo com os dependentes que utilizam este espaço como cena de uso. Dinâmica familiar, possibilidades de tratamento e intervenções, rede de apoio ao dependente químico.

Em seguida foi aberto espaço para discussão dos participantes a cerca dos temas mencionados acima, foi possível perceber que muitos deles trouxeram experiências pessoais, o que provavelmente está relacionado à dinâmica de vida da maioria dos que ocupam este território, pois estão inseridos em uma região onde há um grande índice de pessoas que utilizam vários tipos de drogas. Trouxeram o uso de lança-perfume por adolescentes do território. Percebe-se ainda que alguns participantes, de alguma forma identificaram-se com o tema discutido, fazendo com que os eles conseguissem trazer suas questões para discuti-las abertamente e pensarem saídas para as mesmas não apenas de forma individual, mas de forma coletiva.

Informamos sobre os lugares que oferecem tratamento como o CAPS-AD (Centro de Atenção Psicossocial álcool e outras drogas) AA. (Alcoólicos Anônimos), informamos também sobre a internação para tratamento, lugares gratuitos de possíveis internações, mas também orientamos que mesmo que o dependente seja internado a importância de dar continuidade ao tratamento, e que existem outras possibilidades de tratamento que não seja a internação como a redução de danos entre outras, muitos referiram a questão da fé, tentamos sensibilizar que a fé é muito importante, mas não são todos que a têm, mas que pode ser um suporte durante o tratamento, mas que ela não substitui um tratamento com profissionais especializados para isso.

Ao fim da discussão pode-se observar que os participantes conseguiram esclarecer algumas dúvidas relacionadas ao uso, abuso e dependência e a tipo de drogas, além de trazerem novos conhecimentos e experiências vivenciados por eles.

Nestes quatro encontros foi possível utilizar o método de Paulo Freire como a educação popular através dos círculos de cultura e utilizar como parâmetro para atuação as vivências propostas nos cadernos e na Política Nacional de Educação Popular em Saúde. Percebesse que o trabalho do Assistente Social como intelectual orgânico passa da utopia para uma práxis possível.

CAPÍTULO III

3. ANÁLISE DAS NARRATIVAS DOS SUJEITOS ENTREVISTADOS

Utilizei o método de pesquisa qualitativa e tendo como procedimento metodológico a história oral. Que indica uma relação dinâmica entre o sujeito e o mundo real, uma interdependência viva entre pesquisador e o sujeito da pesquisa – um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade dos sujeitos no processo investigativo.

Martinelli (1999, p. 25), ao referir-se às pesquisas qualitativas, apresenta com ênfase que “muito mais do que descrever um objeto, busca-se conhecer trajetórias de vida, experiências sociais dos sujeitos”, pois na pesquisa qualitativa o pesquisador é também “um sujeito da pesquisa”. Frisa, ainda, que a pesquisa qualitativa permite que o profissional busque expressão e sentido dos sujeitos e suas histórias.

Após a autorização da instituição enquanto co-participante todos os documentos exigidos pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Santo Amaro, foram submetidos à Plataforma Brasil, para a avaliação do referido Comitê que após autorização deste recebeu o nº CAAE 66617317.7.0000.0081.

As entrevistas foram gravadas, em áudio (celular) modo gravador, a fim de assegurar os registros, as falas, acompanhado de observações pertinentes anotadas pelo pesquisador. A temática desenvolvida foi: Participar destes círculos de cultura possibilitou que você pudesse pensar o seu cotidiano mais criticamente? Conte-me como.

Ao final dos círculos de cultura foram realizadas as entrevistas com quatro participantes, dos quais dois eram pacientes e dois deles eram acompanhantes de pacientes que estiveram internados.

Pois é essas reuniões ela é muito importante pro desenvolvimento social, pra gente reconhecer o que está acontecendo no nosso meio político, na nossa vida, por que são reuniões que discutem qualquer tipo de assunto, de cultura, de religião, de família, de educação, esporte, são reuniões que podem ser feitas em qualquer âmbito, né na educação, em hospital, em fóruns, até mesmo na fila de espera de ônibus, ou dentro do ônibus, é importante a gente discutir o que está

acontecendo em nosso meio, ser crítico, ser autocrítico, porque a gente vive em sociedade, e a gente vive, e o mundo é globalizado, então a partir do momento em que a gente vive em sociedade, e reconhece o mundo como globalizado, então a gente tem que ver que não somos ilha. (Acompanhante 1)

Então eu achei interessante ter participado da roda de conversa no hospital com a assistente social pelo seguinte eu tô aqui porque a minha filha foi atropelada né tá internada aqui no hospital já fazem mais ou menos aí dois meses e aí eu tive o convite pra participar dessa roda de conversa e foi muito interessante porque eu tinha algumas dúvidas a cerca de direitos né, a gente sabe que a gente tem enquanto cidadão brasileiro que a constituição garante aí pra gente, é em especial eu tinha algumas dúvidas com relação a programas e projetos da área de habitação e moradia que a gente pode conversar um pouquinho no grupo também, é sobre direito de aposentadoria né que aí tá acontecendo essas coisas agora na mídia né sobre o presidente aumentar o tempo de aposentadoria a gente conversou um pouco sobre como é isso também né através do grupo, me informei um pouco mais sobre algumas leis que até então eu não conhecia, a gente discutiu DPVAT e assim me ajudou a perceber uma série de legislações de leis direitos né que a gente tem garantias né enquanto sujeito né cidadão e que muitas vezes por falta de informação de conhecimento a gente não consegue acessar, então eu acho que foi positivo no sentido da gente conseguir ter uma visão um pouco maior de todas essas coisas que são de acesso público ou deveria ser e que através do grupo fez com que a gente tivesse a possibilidade de conhecer né essas novas que não são novas esses direitos que já existem e que a gente muitas vezes não acessa por falta de informação acho que esse foi o ponto positivo do grupo na minha concepção, na minha opinião é isso. (Acompanhante 2)

Foi a minha primeira vez participando dos círculos de cultura, foi uma experiência muito boa, me ajudou a ver as coisas de uma forma bem diferente, é um espaço que eu considero muito importante pra gente pensar de forma crítica, principalmente pelo que a gente vive hoje, é a gente tá numa vida totalmente corrida, né cheia de coisas pra gente fazer, e de repente a gente não consegue ter um tempo ou sei lá não tem tempo mesmo de pensar essas coisas e pensar de uma forma crítica esse espaço eu acho bem bacana importante né faz com que a gente reflita sobre algumas situações no nosso dia-dia no nosso cotidiano tem tanta coisa importante acontecendo, e as vezes a gente até se dá

conta mas a gente não consegue parar pra pensar de uma forma mais crítica, e espaço proporciona essa possibilidade, esse momento pra gente parar refletir pensar em outras ações em outras possibilidades, ouvir o outro também, eu acho bem bacana saber como a outra pessoa tá vivenciando esse momento de que forma qual é a forma que ela pensa da vida dela, das coisas que acontecem no nosso dia-dia da nossa sociedade, é interessante, é interessante ouvir elas falando das vivências delas, faz com que a gente pense no que a gente tá fazendo ou no que a gente não está fazendo.

Pra mim foi muito válido de uma experiência muito bacana, me fez realmente pensar de uma forma crítica, no que tava acontecendo dentro do hospital, fora do hospital são realidades que a gente não vive mas que tá muito próxima da gente e esses círculos de cultura faz com que a gente pare um pouco, e pense um pouco e pare de pensar no individual e pense mais no coletivo né de uma forma mais grande.

*É bom ouvir que essas pessoas também tem opiniões diferentes ideias as vezes iguais, foi bacana, me ajudou bastante a refletir de forma crítica todas essas questões que foram discutidas nesses grupos. **(Paciente 1)***

*Pra mim é Chamou atenção porque... Eu “tava” simplesmente vivendo minha vida, só vivendo minha vida fosse ela do jeito que fosse, mas não tinha me atentado pra detalhes assim, vagamente puxa vida o governo não faz melhoras, muito vagamente, e aqui tive uma orientação inclusive de como procurar, de como me orientar pra ter uma condição de vida melhor, então pra mim foi muito importante participar dessas quatro reuniões, pra mim me ajudou muito, abriu um pouco mais meu horizonte de visão em relação a saúde, a parte social até de relacionamento de pessoas eu acho que pra mim foi válido... Foi o que eu absolvi bastante... Um pouco mais de consciência né?! Que também a gente tem a parte da gente, a gente precisa gritar no momento certo que tem que gritar, a gente que saber replicar, então isso é um alerta que pra muitas pessoas tá faltando acender essa lamparina, eu um que pra mim “tava” bom, eu tava no hospital, sai do hospital beleza tô bom, é Recebo minha aposentadoria, apertado ou não tá bom, eu “tava” muito passivo com relação ao que é realmente ter uma qualidade de vida. E eu hoje tô com os olhos um pouco mais aberto, um pouco mais atento... Entendendo um pouquinho mais das coisas que eu não tinha compreensão porque uma vez que você não tem informação, não acessa essa informação, você não procura informação você fica abafado **(Paciente 2)***

O Assistente social no espaço sócio-ocupacional como um Hospital Escola que atende urgências e emergências muitas vezes não consegue sair do imediatismo do cotidiano do trabalho, se distanciando da classe à qual também pertence “a classe trabalhadora” acaba por deixar o trabalho socioeducativo de lado atendendo somente as demandas que a instituição coloca como importantes. Pensar o trabalho socioeducativo vai de encontro com o que o Projeto Ético político da profissão propõe, pensar ações que possam levar os trabalhadores a questionar o “Status quo” a passagem da consciência mágica para a tão sonhada consciência crítica falada por Paulo Freire é um dos nossos papéis enquanto também trabalhadores, articular estes sujeitos que atendemos a achar saídas para questões sociais impostas pelo atual sistema vigente o sistema capitalista.

O Assistente Social neste trabalho visto como Intelectual orgânico, “orgânico” porque teria o papel de organizar a classe trabalhadora na busca da efetivação dos seus direitos, comprometido com a classe à qual também pertence, nos círculos de cultura visualizei uma estratégia para sair do imediatismo e traçar caminhos junto com os trabalhadores que ou estavam acompanhando algum paciente que estava internado ou estavam eles mesmos na condição de paciente.

Acima nas narrativas das entrevistas os quatro participantes referiram que os círculos de cultura foram importantes para que os mesmos pudessem pensar seus cotidianos mais criticamente. Referiram ser o primeiro círculo de cultura do qual participaram, o primeiro “grupo”, alguns referiram que gostariam de participar de mais círculos onde suas demandas fossem ouvidas e pudessem pensar ações para tais demandas:

*“[...] E essas reuniões chamam as pessoas para a consciência do que ocorre no nosso meio social e a gente vive em sociedade e a sociedade ela precisa ser democrática, justa e humanizada [...] **Acompanhante 1***

*“[...] É o que eu fazia, o que eu “tava” fazendo, hoje já me faz pensar um pouco mais, um pouco mais também no próximo, não o dianteiro, mas o do lado até em quem ficou pra trás, esse que ficou pra trás não tinha nenhuma orientação, não tinha nada, eu hoje eu sinto que no meu dia a dia converso com muitas pessoas, eu ando muito pra lá e pra cá e se me dá uma folga, se me dá uma abertura eu tento ajudar, não com **benesses**, **mas com informação**, esclarecendo que ele tem tal direito, que ele deve procurar esse direito, coisa que eu não fazia antes não, não era muito preocupado com*

meu próximo não. Foi, tanto que eu não perdi, enquanto tiver e eu for convidado eu venho [...]
(Acompanhante 2)

Ou seja, podemos perceber que os círculos são lugares de troca de informações, de conscientização de uma forma horizontal como disse Paulo Freire “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” Aprendemos na troca com o outro, nas relações sociais. Então ao fim deste trabalho algumas hipóteses puderam se confirmar nós assistentes sociais podemos fazer trabalhos socioeducativos também na atenção secundária, o que nos falta talvez seja conseguir sair do imediatismo imposto pelo cotidiano, pois os círculos têm uma boa aceitação pelos usuários que procuram espaços de participação social onde possam se articular e interagir no seu cotidiano de forma ativa e crítica, os pacientes, acompanhantes, os trabalhadores são interessados, o que falta é a informação de como fazer, onde podem fazer, e sermos profissionais criativos, que saibamos intervir nas diversas realidades com as quais atuaremos “Exige que os Assistentes Sociais sejam mais que meros técnicos executores, que possam ousar enfrentar a realidade e os desafios de um profissional que também é um intelectual” (IAMAMOTO, 2011, pág. 125).

O profissional tem a responsabilidade de diagnosticar a causa raiz e ajudar as pessoas na compreensão de bloqueios e circunstâncias, Com o diagnóstico em mãos, o mesmo já possui capacidade de articular ações com os trabalhadores para as causas expostas nos círculos.” [...] ao passo que a população é incentivada a ter uma ideia de seus problemas, é ajudada a compreender os porquês da situação, como se ela não soubesse muito melhor do que o técnico, pois eles o atingem na própria pele [...]” (AMMANN, 1997,p. 171)

Em tese, Ammann nos diz que a participação do assistente social engajado no trabalho socioeducativo, nos círculos de cultura possui uma visão na produção intelectual e como um intelectual orgânico utiliza-se na intervenção como parte do processo de profissionalização e aproximação com as massas populares.

Na dinâmica neoliberal, onde temos vivido situações de cerceamento de direitos tanto enquanto trabalhadores e com os trabalhadores/usuários os quais nós atendemos os círculos de cultura são uma forma de enfrentamento das questões sociais vivenciadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme relatado neste Trabalho de Conclusão de Residência percebe-se que os círculos de cultura utilizando-se da educação popular como eixo norteador podem auxiliar no processo da passagem da consciência mágica para a consciência crítica.

Conquistar a consciência crítica não está ligada à condição financeira dos participantes, acredito assim como Freire na educação popular como via que leva o sujeito a tornar-se politizado e inteirado dos seus direitos.

Os usuários que estiveram inseridos nos círculos de cultura agora com a consciência mais politizada podem também disseminar seus conhecimentos para os outros de seu círculo social.

O trabalho socioeducativo realizado pelo assistente social visto neste trabalho como intelectual orgânico na perspectiva de Gramsci pode contribuir na articulação dos usuários do serviço de saúde na busca da efetivação de seus direitos, direitos esses muitas vezes negado por falta de conhecimento da população atendida.

Este trabalho vem contribuir para que o assistente social possa pensar outras ações no seu cotidiano de trabalho para além do imediatismo imposto pelo sistema neoliberal, não se deixando ser engolido pela burocracia do cotidiano e firmar o seu compromisso ético-político na busca do ser mais.

REFERÊNCIAS

AMMANN, Safira Bezerra. Ideologia do desenvolvimento de Comunidade no Brasil. 9ª Ed. São Paulo: Cortez, 1997.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é Método. Paulo Freire. São Paulo: Brasiliense 1ª Ed. – Coleção Primeiros Passos, 1981.

BRASIL, **caderno de educação popular em saúde** volume 2 http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/2_caderno_educacao_popular_saude.pdf acesso em 08/03/2017.

BRASIL, Política Nacional de Educação Popular em Saúde <http://www.crpsp.org.br/diverpsi/arquivos/PNEPS-2012.PDF> acesso em 08/03/2017.

FALEIROS, Vicente de Paula. Metodologia e ideologia do trabalho social. 6 Ed. São Paulo: Cortez, 1986.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17ª. Ed Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. Educação como prática de liberdade. 20. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

IAMAMOTO, Marilda Villela. O Serviço Social na Contemporaneidade: Trabalho e formação profissional. 23ª ed. São Paulo, Cortez, 2011.

IAMAMOTO, Marilda Villela Renovação e Conservadorismo no Serviço Social. 10ª Ed. – São Paulo: Cortez, 2008.

GRAMSCI, Antônio. Reflexões do Cárcere (Dossiê Gramsci). Ed. Bregantini, São Paulo, nº 141, p. 50 – 60.

LOBATO, Carolina P.; MELCHIOR, Regina; BADUY, Rossana S. A Dimensão Política dos Profissionais de Saúde. Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v22 [4]: p.1273-1291, 2012.

MARTINELLI, Maria Lúcia. Serviço Social: Identidade e alienação. 15ª Ed. São Paulo, Cortez, 2010.

MARTINELLI, M. L. Seminário sobre metodologias qualitativas de pesquisa. In: MARTINELLI, Maria Lúcia. (Org.). Pesquisa qualitativa: um instigante desafio. São Paulo: Veras, 1999. Série (Núcleo de Pesquisa; 1).

NETTO, José Paulo. Ditadura e Serviço Social: Uma análise do Serviço Social no Brasil: pós-64. 5ª Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

O TRABALHO DO/A ASSISTENTE SOCIAL NO SUAS: Seminário Nacional – Conselho Federal de Serviço Social - Gestão Atitude Crítica para Avançar na Luta. Brasília: CFESS – 2011.

SANTOS, Jordana Souza Gramsci e o papel dos intelectuais nos movimentos sociais Revista espaço acadêmico- São Paulo v.102, p.142-153, nov. 2009.

SIMIONATTO. I. A Influência do Pensamento de Gramsci no Serviço Social. Trilhas, Belém, V. 2, Nº. 47, 2011.

WANDERLEY, Luiz Eduardo W. Educação Popular: Metamorfoses e veredas. São Paulo: Cortez, 2010.

APÊNDICE

Questionário aplicado com pacientes e acompanhantes internados:

1 – Participar destes círculos de cultura possibilitou que você pudesse pensar o seu cotidiano mais criticamente? Conte-me como.

ANEXO

RESIDÊNCIA MULTIPROFISSIONAL – SERVIÇO SOCIAL – HOSPITAL GERAL DO GRAJAÚ E UNIVERSIDADE DE SANTO AMARO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Protocolo: “Círculos de Cultura e Educação Popular: Vivência em um Hospital Escola na Zona Sul de São Paulo.”

Prezado Senhor(a), meu nome é Suéllen Rosa dos Santos, sou Assistente Social do Programa de Residência Multiprofissional, e informo que estes esclarecimentos estão sendo apresentados para solicitar sua participação livre e voluntária no projeto de pesquisa denominado **“Círculos de Cultura e Educação Popular: Vivências em um Hospital Escola na zona sul de São Paulo.”** e tem como orientadora a Professora Doutora Marlene Almeida de Ataíde.

Este Trabalho tem o intuito de Averiguar se os Círculos de Cultura por meio da Educação Popular podem levar os sujeitos participantes a pensar o seu cotidiano mais criticamente.

Do ponto de vista dos procedimentos metodológicos adotar-se-á a pesquisa qualitativa por meio da história oral na perspectiva sociológica, que contará com um roteiro de entrevista semi-estruturada, cujas entrevistas serão gravadas para posterior transcrição e digitação e este material será utilizado apenas para este trabalho, resguardando-se dessa forma a ética na pesquisa, conforme ensina os autores que sustentam esta técnica.

Esta atividade envolve risco mínimo, pois será feita simples coleta de dados e entrevista. Como benefício busca-se possibilitar que os pacientes e acompanhantes possam pensar o seu cotidiano mais criticamente.

As eventuais dúvidas **que possa ter serão esclarecidas por mim**, a Assistente Social Residente Suéllen Rosa dos Santos, a qualquer tempo, solicitando minha presença.

Esta **garantida sua liberdade da retirada de participação no estudo** a qualquer momento, sem qualquer prejuízo ao seu atendimento, antes, durante ou após o período deste estudo.

Em nenhum momento seu nome será divulgado no estudo. Não há **despesas pessoais** para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há **compensação financeira** relacionada à sua participação. Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pelo orçamento da pesquisa.

Em caso de dano pessoal, diretamente relacionado aos procedimentos deste estudo, a qualquer tempo, ficam **asseguradas indenizações** por danos eventuais.

Uma via deste Termo de Consentimento ficará em seu poder.

São Paulo, ____/____/____

Suéllen Rosa dos Santos

Se você concordar em participar desta pesquisa assine no espaço determinado abaixo e coloque seu nome e o nº de seu documento de identificação.

Nome do participante: _____

Doc. Identificação: _____

Declaro(amos) que obtive(mos) de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste participante para a participação neste estudo, conforme preconiza a Resolução CNS 466, de 12 de dezembro de 2012, IV.3 a 6.

Assinatura do pesquisador responsável pelo estudo

Data ____ / ____ / ____

Assinatura dos demais pesquisadores

Data ____ / ____ / ____